

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

USO DE APLICATIVO EDUCACIONAL COMO REFORÇO NO ENSINO APRENDIZAGEM DA LINGUA INGLESÁ

FRANCISCA OLINDA COELHO SILVA¹
ANA MARIA DOS SANTOS GARCIA FERREIRA MARTINS²

RESUMO

A utilização das novas tecnologias como ferramentas pedagógicas na escola é uma tendência mundial cada vez mais forte na atualidade. Segundo Prensky isto ocorre porque as novas gerações de alunos cresceram cercadas por tecnologias digitais, portanto são movidas e fazem quase tudo em suas vidas por meio delas, exceto estudar formalmente. Permitir que o nosso aluno aprenda os conteúdos do currículo escolar utilizando também esses poderosos inventos tecnológicos é uma forma de valorizar seus conhecimentos, suas habilidades tecnológicas e principalmente de envolvê-lo na formação do seu próprio processo de ensino aprendizagem. Este projeto, uso de aplicativo educacional como reforço no ensino dos conteúdos do 6º ano de inglês do Ensino Fundamental, teve como objetivos despertar nos alunos motivação e autonomia para aprender línguas estrangeiras no formato que eles reconhecem, o digital, a trabalhar uns com os outros de forma colaborativa e compartilhada e também a manter hábito de estudar consistentemente em casa e não somente na escola.

Palavras-chaves: tecnologias digitais; aplicativo; nativos digitais, escola pública, língua inglesa.

ABSTRACT

The use of new technologies as teaching tools in schools is a worldwide trend increasingly strong today. According to Prensky this is because new generations of students grew up surrounded by digital technology, so they are moved and do almost everything in their lives through them except to study formally. Allowing our students to learn the content of the school curriculum also using these powerful technological inventions is a way to enhance their knowledge, their technology skills and mainly involve them in the formation of their own teaching and learning process. This project, which is about the use of educational application as reinforcement in teaching the contents of the 6th year of English of Elementary School, was designed to awaken goals in students' motivation and autonomy to learn foreign languages. It happened in a format that they recognize, the digital, working with each other in a collaborative and shared manners and also to maintain the habit of consistently study at home and not only at school.

Keywords: digital technologies; app; digital natives, public school, English language.

¹ Professora formada em Letras Inglês- Português – PUC PR.

² Professora orientadora, Mestre em Estudos Linguísticos – UFPR.

1 INTRODUÇÃO

A língua inglesa é usada no mundo inteiro como um elo de comunicação entre as nações, em viagens, estudos, na internet, nos negócios, na divulgação das culturas, tecnologias e tudo que envolve a dinâmica do mundo globalizado. Segundo o linguista Crystal (2003, p.189), “nunca houve um idioma tão amplamente divulgado ou falado por tantas pessoas quanto o inglês”. Portanto, devido à importância mundial deste idioma, penso que um dos grandes desafios para os professores desta disciplina na escola pública é buscar metodologias de ensino que promovam uma aprendizagem de inglês mais eficaz nos alunos, de forma que eles possam usufruir das benesses que este conhecimento pode trazer para a vida deles.

Atualmente, o ensino aprendizagem de língua inglesa baseia-se no estudo de textos, com foco na exploração de gêneros textuais diversos a fim de dar amplas condições ao aluno de conhecer as diferentes formas de transmissão de informações, pensamentos, mensagens e ideologias existentes no mundo. Neste contexto, o aluno deverá ser capaz de desenvolver o senso crítico em relação àquela leitura feita, de tal forma que possa ser capaz de concordar ou discordar daquela ideia lida e, finalmente, formar suas próprias ideias e opiniões. O estudo da gramática obviamente ainda existe, porém ele não é o ponto principal, outrossim está a serviço da compreensão dos contextos significantes extraídos e construídos em forma de textos. Esta orientação está em nossas Diretrizes Curriculares - DCEs (2008, p.63).

Propõe-se que, nas aulas de Língua Estrangeira Moderna, o professor aborde os vários gêneros textuais, em atividades diversificadas, analisando a função do gênero estudado, sua composição, a distribuição de informações, o grau de informação presente ali, a intertextualidade, os recursos coesivos, a coerência e, somente depois de tudo isso, a gramática em si. Sendo assim, o ensino deixa de priorizar a gramática para trabalhar com o texto, sem, no entanto, abandoná-la.

Desenvolver nos alunos a capacidade de ler o mundo de forma crítica por meio de textos em uma língua estrangeira trata-se de uma árdua tarefa, considerando a quantidade de horas aulas de língua inglesa por semana, a duração delas e também o número de alunos por turma.

Partindo deste pressuposto, faz-se necessário criar formas práticas de estudo que desencadeiem no aluno o interesse e a vontade de aprender inglês de forma sistemática, constante e agradável, como parte da sua vida pessoal e, futuramente, parte da sua vida profissional.

2 CONTEXTO

Estamos vivendo em plena era tecnológica digital. Computadores portáteis, *tablets*, *ipods*, aparelhos celulares e outros dispositivos desta natureza, estão cada vez mais acessíveis à população tornando-os indispensáveis no dia a dia de cada um de nós. Não é exagero dizer que hoje em dia é quase impossível viver sem estar conectado a alguma rede de informação e ou comunicação veiculada pelas tecnologias, seja para estudar, trabalhar ou como forma de entretenimento.

Além de estarmos conscientes e dependentes das novas tecnologias, um fator decisivo quando optamos pelo uso de tecnologias digitais na escola é um olhar realista sobre nossos alunos. As crianças de hoje, antes mesmo de serem alfabetizadas, já estão expostas ao uso de algum tipo de tecnologia digital em suas casas. Elas crescem lidando naturalmente com máquinas e estão familiarizadas com comandos digitais para fazer o que quiserem. São seres motivados pelas novas tecnologias, aprendem tudo e qualquer coisa por meio delas, em destaque por meio da internet. Portanto, proporcionar a inclusão digital prática na escola, nada mais é do que seguir o fluxo da evolução humana que está cada vez mais tecnológica.

Estas novas tecnologias digitais, *notebook*, aparelho celular, *tablet* e outras, de fato facilitam a aprendizagem escolar segundo a pesquisadora e professora Camas (UFPR). Para ela o mundo em que vivemos é praticamente

digital, portanto faz-se necessário uma escola condizente com este aspecto tecnológico. No entanto, estas novas ferramentas digitais devem ser vistas como parte do processo ensino aprendizagem, e não como todo ele. Ou seja, para a pesquisadora não são as novas tecnologias que garantem melhores resultados na educação, mas sim a promoção da construção do conhecimento de forma colaborativa e atualizada dos envolvidos no processo ensino aprendizagem. As novas tecnologias representam o meio atual para se alcançar estes objetivos, assim como as outras tecnologias o foram em outras épocas, a exemplo o quadro de giz, o livro, a caneta e etc.

Por novas tecnologias entende-se a convergência de tecnologias e mídias para um único dispositivo, que pode ser o notebook, o celular, o *tablet*, a lousa digital, o robô e quaisquer outras que surjam. Para o uso educacional, interessa particularmente a produção colaborativa de conhecimento, o registro, a busca de informações atualizadas, a autoria e a coautoria de nossos alunos, um professor e um gestor aberto às mudanças e também reflexivo. O importante, independentemente da tecnologia, é entender, criar e dar vazão a uma nova escola, que vislumbre o currículo como o caminho a ser construído para e pelos aprendizes, incluindo alunos, professores, gestores e familiares.

No presente projeto, o uso de aplicativo proposto como reforço pedagógico em sala de aula, intenciona também reforçar a aprendizagem colaborativa entre alunos e alunos e professor, uma vez que nem todos os alunos têm domínio imediato sobre o uso da ferramenta tecnológica ou sobre o próprio conteúdo específico da língua inglesa estudado. E a ideia é exatamente esta, construção, troca e valorização de saberes de forma coletiva com o propósito de melhorar a aprendizagem individual de cada um dos alunos da sala.

A ferramenta didática proposta em questão traz exercícios prontos para serem praticados em hora e local desejados pelos usuários, além da sala de aula, o que possibilita uma grande oportunidade de ativar a autonomia do aluno na construção dos seus saberes relativos à língua inglesa e outras línguas estrangeiras, se assim o desejarem. Portanto, nós professores, ao explorar novas possibilidades de ensino aprendizagem juntos com nossos alunos,

estaremos também estimulando-os a buscarem novas formas de aprender os conteúdos propostos, considerando e extraíndo o melhor dos artefatos tecnológicos produzidos com fins educacionais.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino da língua inglesa na rede estadual é obrigatório e de extrema relevância na vida de todo cidadão, pois grande parte do conhecimento gerado no mundo é veiculado em inglês. Não se trata apenas de vincular este idioma ao poder econômico dos países em que ele é falado como primeira língua, e sim de reconhecê-lo como meio principal para acesso aos conhecimentos e modos de vida de todas as culturas existentes neste planeta. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, trazem uma visão sobre o idioma inglês, como língua estrangeira hegemônica.

[...] a aprendizagem do inglês, tendo em vista o seu papel hegemônico nas trocas internacionais, desde que haja consciência crítica desse fato, pode colaborar na formulação de contra discursos em relação às desigualdades entre países e entre grupos sociais (homens e mulheres, brancos e negros, falantes de línguas hegemônicas e não-hegemônicas etc.). Assim, os indivíduos passam de meros consumidores passivos de cultura e de conhecimento a criadores ativos: o uso de uma Língua Estrangeira é uma forma de agir no mundo para transformá-lo. A ausência dessa consciência crítica no processo de ensino e aprendizagem de inglês, no entanto, influi na manutenção do status quo ao invés de cooperar para sua transformação. (PCN Língua Estrangeira p.40)

A língua inglesa é de fato o idioma oficial no mundo dos negócios e das tecnologias nos dias de hoje. Dessa forma, precisamos despertar em nosso aluno a percepção do alcance que o conhecimento desse idioma pode trazer para sua vida, sobretudo a profissional. Este é um dos objetivos do ensino de língua estrangeira propostos pelos PCNs (1998), oferecer instrumentos para que todos tenham as mesmas condições de acesso aos mundos acadêmicos, dos negócios e das tecnologias. Neste aspecto, observando a importância do inglês na formação das pessoas, a escola precisa dinamizar o ensino aprendizagem do idioma e dar-lhe contornos de modernidade de acordo com as características tecnológicas dos novos tempos.

Antes de tudo é preciso reconhecer que os alunos de hoje não são os mesmos que outrora fomos. Eles não são passivos diante do desconhecido, buscam conhecimentos sozinhos, questionam sobre o conteúdo, autoridade e conhecimento do professor, normas da escola, querem respostas imediatas e convincentes, desmotivam-se facilmente e não veem objetivos reais na escola para suas vidas nem no presente e nem no futuro. Estas características parecem descrever o perfil de boa parte dos jovens desde que o mundo é mundo, porém, segundo Prensky (2001, p.1-6), este é o perfil do novo aluno, inclusive o autor utiliza o termo *nativo digital*, para defini-lo.

Para Prensky (2001), esses novos alunos, os nativos digitais, são radicalmente diferentes porque cresceram rodeados por tecnologias, computadores, vídeo games, tocadores de músicas digitais, telefones celulares e outras ferramentas digitais. Estão acostumados com a rapidez do hipertexto; baixam músicas, vídeos, filmes; armazenam informações em seus laptops; passam e recebem mensagens instantâneas; enfim, eles estão conectados a maior parte de suas vidas ou durante toda ela. O fato de dominarem a linguagem digital lhes dá condições de conhecer, com muita liberdade, tudo que há no mundo. Não na escola, mas acessando a internet durante horas nos computadores de suas casas ou em seus próprios celulares.

Neste contexto, Prensky define o professor como um imigrante digital - aquele que convive com as novas tecnologias, porém, não as vê ou as utiliza com naturalidade e também como aquele que quase sempre apresenta restrições e até resistência ao uso de tecnologias na sua vida pessoal e profissional. Ao contrário do nativo digital, o professor imigrante digital sente-se inseguro por ter que lidar com algo tão complexo em suas aulas. A velocidade com que as informações são fornecidas e modificadas neste meio tecnológico, em especial a internet, constitui mudanças assustadoras para a maioria deles.

Diante dessa realidade, na visão de Prensky, o professor não precisa dominar totalmente as novas tecnologias, ele deve continuar a fazer o que sabe fazer de melhor, porém deve abrir espaço para os alunos em suas aulas, incluindo os conhecimentos que já possuem sobre os conteúdos estudados e

permitindo que eles interfiram no seu próprio processo de ensino aprendizagem com o uso das novas tecnológicas digitais, porque é dessa forma que a nova geração consegue aprender. Prensky (2005, p.2, tradução nossa) sugere que o professor ouça seu aluno para saber como ele aprende e o incentive a desenvolver habilidades tecnológicas que o auxiliem nesta aprendizagem, individualmente e também de forma coletiva.

Precisamos ajudar todos os nossos alunos a tirar partido destas novas ferramentas e sistemas para se educarem. Eu sei que isto é especialmente difícil quando nós somos os únicos que estamos nos debatendo a respeito, mas os professores podem, certamente, perguntar aos alunos, "Alguém faz alguma coisa na Web que é relevante para o que estamos discutindo?" Ou "Você pode pensar em alguns exemplos a respeito dessa problemática em seus jogos de computador?" Os professores também podem ajudar os alunos a descobrir quem tem o melhor acesso à tecnologia fora da escola e incentivar os alunos a formar grupos de estudo, para que mais alunos se beneficiem deste acesso. Os professores podem aprender sobre qual equipamento tecnológico é necessário em suas salas de aula simplesmente perguntando aos alunos, e eles podem se mobilizar para obter esses itens instalados em laboratórios de informática da escola e bibliotecas.

Na mesma linha de pensamento, Freire (1996, p.122), diz que nós professores não podemos perder a oportunidade de tornar o aluno senhor do seu conhecimento, responsável pela construção e transformação dos seus saberes. Neste processo é necessário instigá-lo a manifestar seus pensamentos e opiniões em todo o processo de “assimilação da inteligência do mundo,” de forma que ele seja capaz de produzir conhecimentos também, ao invés de ser apenas um receptor de conhecimentos prontos e acabados.

Todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, vá assumindo a *autoria* também do conhecimento do objeto. O professor autoritário, que se recusa a escutar os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Nega a si mesmo a participação neste momento de boniteza singular: o da afirmação do educando como sujeito de conhecimento. É por isso que o ensino dos conteúdos, criticamente realizado, envolve a abertura total do professor ou da professora à tentativa legítima do educando para tomar em suas mãos a responsabilidade de sujeito que conhece. Mais ainda, envolve a iniciativa do professor que deve estimular aquela tentativa no educando, ajudando-o para que a efetive.

A participação efetiva do aluno no seu próprio processo de aprendizagem, implica em franca valorização dos seus conhecimentos, opiniões e impressões sobre o mundo, ou que seja, o objeto de estudo em questão. É esta abertura total por parte do professor, ao dar voz ao aluno, aos seus pensamentos, às suas curiosidades, incentivando-o a ser questionador sobre os fatos que lhe caem a mão, que o ajudará a desenvolver seu senso crítico e finalmente sua autonomia para resolver suas próprias questões com segurança e responsabilidade.

Nesta perspectiva, precisamos dar condições para os nossos alunos se desenvolverem individualmente, levando-os a descobrir outras formas de conhecimentos, serem capaz de analisar como os antigos foram formados, estabelecidos e a partir daí testar outras formas de produção de conhecimentos e ações que não perpetuem as desigualdades, a violência e a crença de que existe uma única forma para o pleno desenvolvimento humano. Neste sentido, nós professores não poderíamos tolher a curiosidade e a criatividade dos nossos alunos frente aos conteúdos estudados e a forma como são estudados. Pelo contrário, deveríamos incentivá-los a buscar os fatores não visíveis que estão por trás de todo conhecimento pré-estabelecido para que possam desenvolver seu senso crítico e suas próprias habilidades intelectuais e tecnológicas sem, necessariamente, repetir os modelos existentes.

Andreotti (2013), faz uma experiência com seus alunos fazendo-os imaginarem uma plantação de milho. Após, a professora compara a visualização dos seus alunos, que geralmente imaginam apenas milhos amarelos e uniformes, com uma fotografia de espigas de milho de várias cores tirada em Pisac no Peru. Sua intenção é mostrar como tendemos a repetir os padrões tidos como únicos pelo senso comum e ficamos tão limitados nesse pensamento, que não conseguimos enxergar outras possibilidades que não sejam a do padrão estabelecido.

Eu uso a falha da imaginação em visualizar milhos de outras cores como metáfora para a cegueira epistêmica proveniente da nossa socialização em formas de ser, conhecer e pensar encantadas com a (ou pela) modernidade. Por exemplo, essa socialização nos faz

acreditar que somos capazes de descrever o mundo literalmente e de definir para nós mesmos e para outras pessoas o sentido e o caminho para um ideal único de desenvolvimento. Essa perspectiva torna impossível a experiência de formas de ser que não priorizam a individualização do ser humano, a separabilidade entre ser humano e natureza ou o racionalismo. As ideias de independência, autonomia e unificação de sentidos discursivos, proveniente da modernidade, se torna antitética às ideias de codependência, insuficiência humana, e pluralidade discursiva e existencial.

De fato há inúmeras possibilidades diferentes das existentes para o desenvolvimento humano, tantas que mal podemos dimensioná-las. Porém, elas podem ser inibidas e vedadas pela sociedade em geral, a começar pela escola. Portanto, nós professores conscientes de que os alunos desta era atual possuem muitas informações sobre o mundo quando chegam à escola, precisamos ouvi-los e orientá-los a respeito do que já sabem e de como lidar com o que está por vir. Para que isto aconteça, devemos rever e renovar nossas práticas metodológicas de ensino para estar em consonância com as mudanças no perfil dos novos alunos tecnológicos. E em relação às novas tecnologias, as mudanças são constantes. Nada é permanente nesta área. Ao invés de repudiá-las, devemos conhecê-las minimamente, aprender com os alunos sobre como utilizá-las, enfim, aproveitá-las sistematicamente em nossas aulas no intuito de trazer relevância e qualidade no ensino aprendizagem de nossas disciplinas.

4 METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido no Colégio Estadual João Ribeiro de Camargo – Ensino Fundamental e Médio, localizado no município de Colombo - Paraná com alunos do 6º ano A do Ensino Fundamental.

A metodologia aplicada foi a pesquisa-ação qualitativa do tipo participativa, com o propósito de investigar a contribuição na prática do uso de um aplicativo educacional, via internet, na aprendizagem dos conteúdos da língua inglesa.

Primeiramente foi feito um levantamento sobre a quantidade e qualidade de dispositivos móveis compatíveis com o aplicativo educacional escolhido para a pesquisa, na turma alvo do projeto. Após, os pais e/ou responsáveis dos

alunos, da referida turma, foram comunicados sobre o teor da pesquisa e assinaram um termo de autorização para o uso do dispositivo móvel como ferramenta pedagógica, a princípio no colégio, nas aulas de inglês, e posteriormente em casa. No caso dos alunos que não dispuseram de telefone celular para praticar o conteúdo de língua inglesa no aplicativo, puderam fazê-lo em seus computadores domésticos ou nos computadores da biblioteca do colégio em contraturno.

O trabalho em sala de aula teve início com informações sobre como utilizariam o aplicativo educacional Duolingo para reforçar a aprendizagem de inglês. Os alunos puderam relatar suas dúvidas, curiosidades e expectativas em relação ao método de aprendizagem proposto. Aqueles que já conheciam o aplicativo em questão, puderam contar aos colegas suas experiências relativas. Antes de iniciar as atividades a professora aplicou um pré-teste de inglês básico para verificar o quanto os alunos sabiam sobre o assunto, o que serviu de base para verificação da aprendizagem comparativamente ao desempenho final do aluno, após uso do aplicativo.

Em seguida, foi feito o cadastramento dos alunos no aplicativo e a professora, por sua vez, registrou a turma no seu dispositivo móvel na janela “Duolingo para Escolas” a fim de acompanhar o desenvolvimento dos alunos. À medida que os conteúdos de inglês, planejados para o trimestre, foram estudados em sala de aula, os alunos os reforçaram utilizando as atividades correlativas e ou complementares no aplicativo citado, com a supervisão da professora. Os alunos puderam ajudar uns aos outros durante a prática de uso do aplicativo e também em relação ao próprio conteúdo de inglês.

Ao final desse processo, os alunos foram avaliados sobre o mesmo conteúdo verificado antes do uso do aplicativo.

A análise dos dados sobre a pesquisa foi feita no final da aplicação do projeto, 32 h, com base:

- na participação dos alunos, monitorada pela professora no próprio aplicativo;

- em questionário respondido pelos alunos, quando tiveram oportunidade de relatar como foi a experiência apontando os benefícios e as dificuldades do método (Apêndice B);
- na realização das atividades propostas sobre o conteúdo de inglês estudado: tarefas, provas e trabalhos em grupo;
- na interpretação comparativa dos dois instrumentos de coleta aplicados no início e no final da implementação do projeto de intervenção pedagógica.

5 RESULTADOS

5.1 Participação dos alunos

A participação dos alunos no projeto com uso do aplicativo Duolingo foi muito boa. No geral, ele foi muito bem aceito pelos alunos e pais. Os resultados referentes à aprendizagem variaram entre bom e muito bom. Para além das notas obtidas nas provas e trabalhos, pode-se perceber o envolvimento dos alunos com o estudo de inglês, pois vários continuaram a utilizar o aplicativo escolhido sem que isto lhes fosse imposto, com o claro fim de autoaperfeiçoamento e até diversão. Sendo estes objetivos do projeto, é possível afirmar que o mesmo pode ser considerado como bem sucedido.

Houve muitos problemas de conexão a internet e a falta de aparelho celular por quebra, perda ou roubo durante as aulas com o aplicativo educacional. Contudo, os alunos mantiveram-se automotivados pelo uso da ferramenta durante todo o projeto. Ainda que tivessem que fazer as atividades do aplicativo em pequenos grupos, esperavam pacientemente o colega fazer as atividades no celular ou *tablet* para em seguida também o fazer de forma compartilhada.

5.2 Questionário

Após a aplicação do projeto, os alunos (sem identificação) responderam a um questionário sobre o uso da internet e o recurso aplicativo como reforço na aprendizagem de inglês.

Participaram da pesquisa 25 alunos entre 10 e 12 anos.

Observou-se que: 48% dos alunos recebem incentivos em casa para estudar inglês; 8% das famílias não têm o hábito de acessar a internet; 32% dos alunos acessam a internet no computador, sendo que é mais comum o acesso pelo celular; 12% dos alunos não possuem celular; 88% dos alunos aprovaram o uso do aplicativo classificando a metodologia como excelente e muito boa; 76% dos alunos acessaram o aplicativo em sala de aula e 48% em casa, como passatempo; 72% dos alunos consideraram que o aplicativo contribuiu muito para a sua aprendizagem; todos os alunos alegaram que o uso de aplicativo os ajudaram a aprender e a praticar inglês de alguma forma; 84% dos alunos têm interesse em aprender outra língua estrangeira por meio de aplicativo na internet, sendo os idiomas espanhol e francês os mais escolhidos.

5.3 Atividades

Todos os alunos fizeram as atividades propostas do projeto com as adaptações necessárias, principalmente aquelas referente ao uso do aparelho celular quando tiveram e puderam compartilhar o aparelho para que todos pudessem realizar as lições do aplicativo Duolingo.

Os problemas de conexão a internet somados a falta do celular citada acima, obviamente interferiram na realização das atividades, pois não havia possibilidade dos alunos terminarem as atividades programadas para 50 minutos de aula com internet lenta e ainda tendo que compartilhar o celular com os colegas. De forma que a professora solicitou que as aulas de inglês da turma do projeto fossem geminadas. Assim os alunos conseguiam terminar as lições no aplicativo e em seguida fazer as folhas de exercícios sem avançar na aula do outro professor como acontecia nas primeiras aulas do projeto.

Foram realizadas 10 lições no aplicativo Duolingo, até a lição “roupas”, 10 folhas de exercícios sendo a *worksheet* número 12 a última a ser aplicada, exercícios no livro didático e 02 provas. Todos os alunos obtiveram média no trimestre, sendo que 72% atingiram média superior a 7,0.

5.4 Teste pré e pós-projeto

A fim de verificar o conhecimento prévio de inglês dos alunos, foi feito um teste sobre inglês básico antes de iniciar as aulas da disciplina e a aplicação do projeto com o uso do aplicativo propriamente dito. Os alunos foram informados sobre o propósito desta ação inicial e que após 32 aulas, período do projeto PDE, eles seriam novamente avaliados com o mesmo teste. Desta forma seria possível analisar comparativamente o desempenho dos alunos antes e após o uso do aplicativo educacional escolhido.

Resultados		
Testes	Pré- projeto	Pós - projeto
Alunos na média ou acima	8%	84%
Alunos abaixo da média	92%	16%

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral o projeto trouxe muitos benefícios para os alunos. Sendo que a principal contribuição foi o fato de poderem estudar inglês por meio de tecnologia digital em sala de aula. Todos os alunos, até mesmo os que não tinham o aparelho celular, ficavam entusiasmados pela facilidade da utilização do aplicativo para fixar as palavras e estrutura da língua inglesa. O senso de coletividade também esteve presente desde o início do projeto. Todos queriam participar das atividades e ajudar os colegas de alguma forma, seja em relação ao uso do aplicativo em si ou à compreensão do que estavam estudando em inglês. Por estarem automotivados pela ferramenta digital, toda e qualquer outra

atividade sem o uso do Duolingo, era bem aceita pelo grupo, pois sabiam que poderiam praticar o objeto de estudo em outro momento no aplicativo.

Contudo, as dificuldades durante o desenvolvimento das atividades no aplicativo educacional, foram consideráveis. A primeira delas, como era previsível, diz respeito à conexão com a internet. A direção do colégio disponibilizou sinal aberto da rede *wi-fi* por meio de senha para a turma do projeto. No entanto, desde a primeira aula com a utilização do aplicativo, observou-se que o sinal *wi-fi* estava mais precário em relação à época dos testes de conexão em 2016. De forma que muitas atividades programadas para a sala de aula foram prejudicadas pela lentidão ou falta de conexão a internet. O outro ambiente em que poderia ser desenvolvido o projeto seria a biblioteca. Lá o sinal *wi-fi* era mais forte e muitas pessoas poderiam acessar a internet sem diminuir a qualidade da conexão. Porém, não foi possível utilizar este ambiente porque ele é utilizado em outro projeto do colégio, o de leitura.

Outro ponto de dificuldade foi o fato de alguns alunos não terem internet em casa. Ou seja, as atividades do aplicativo redirecionadas para casa por falta de conexão a internet no colégio, também não puderam ser feitas por alguns alunos como tarefa de casa. Ao longo do projeto três alunos notificaram este problema, que a princípio era temporário, no entanto persistiu até o final do projeto. Somado a isto, a falta do aparelho celular durante as aulas por quebra, perda ou roubo fora do colégio, foi notificada por mais cinco alunos.

Além dos problemas pontuais de estrutura física do colégio e dos alunos não estarem cem por cento equipados com algum dispositivo móvel nas aulas ou internet em casa, observou-se também que foram programadas muitas atividades na Unidade Didática. A mescla de atividades no livro didático, exercícios no aplicativo e folha de exercícios foram de fato demasiadas e sobrecarregaram as aulas. Portanto, optou-se por realizar as atividades no ritmo que os alunos acompanhassem e tivessem devidamente aparelhados para assimilar as lições programadas. De forma que das 32 aulas da Unidade Didática projetadas, foram realizadas 24 aulas.

Embora as dificuldades pontuadas durante a aplicação do projeto tenham sido numerosas, em conversas com outros colegas de área, percebe-se que a turma do projeto continua a ter mais facilidade para assimilar os conteúdos de inglês em comparação às outras turmas do mesmo ano e colégio. Os alunos participam mais das atividades propostas e também têm mais interesse em aprender a língua inglesa. Inclusive, não houve queixas contundentes por parte dos alunos sobre o acesso de pouca qualidade a internet. Além disso, os alunos do 6ºA, embora sejam bem infantis, apresentam comportamento mais tranquilo e cordial nas relações aluno/aluno e aluno/ professor. Reflexo ou não da aplicação do projeto, talvez isto se deva ao fato de que eles tiveram suas predisposições ao uso de tecnologias digitais aproveitadas em sala de aula e anseiam ter esta forma de estudo em definitivo no colégio, não somente nas aulas de inglês, porém também nas demais disciplinas.

Em relação à aprendizagem de inglês dos alunos, é possível notar que ela está se fortalecendo. Os alunos continuam a utilizar o aplicativo para reforçar este estudo de forma autônoma e frequentemente reportam à professora seus avanços na plataforma do aplicativo. Mesmo sabendo que não há boa conexão a internet no colégio e que o projeto PDE já terminou, eles querem praticar as lições no aplicativo em sala de aula novamente.

Finalizando, o projeto com uso de aplicativo educacional aconteceu da forma que foi possível, porém não da forma ideal. São necessárias adaptações importantes no projeto principalmente em relação à quantidade excessiva de conteúdos e atividades em três frentes: livro didático, aplicativo educacional e folhas de exercícios. O ideal é que seja reduzida a quantidade de conteúdos no aplicativo em aproximadamente 40%. E, a partir daí, expandir a redução para as atividades correlatas do livro didático e folhas extras de exercícios. É necessário também que haja boa qualidade de conexão a internet no colégio, assim como um laboratório de informática para atender aos alunos que não possuem nenhum dispositivo móvel.

Ainda assim, o projeto trouxe melhorias no processo ensino aprendizagem de inglês dos alunos. Houve motivação, interesse e participação

por parte deles e os resultados positivos verificados por meio das atividades propostas no decorrer do projeto comprovaram isto. Outro aspecto importante e positivo sobre o projeto, diz respeito ao professor, pois ao desenvolver este projeto com uso de tecnologia digital, percebeu-se a boa receptividade dos alunos em relação à proposta e, conseqüentemente este fator contribuiu para motivar o professor, melhorando seu desempenho nas questões pedagógicas e fortalecendo o vínculo afetivo com os alunos.

Concluo dizendo que há esperança de que projetos que incluam tecnologias digitais nas metodologias de ensino, com as estruturas física e pedagógica adequadas, tornem-se comuns no dia a dia da escola pública. Pois o alinhamento de metodologias de ensino com o perfil da geração de alunos que se tem, favorece de fato o processo ensino aprendizagem trazendo benefícios a todos os sujeitos envolvidos nele.

REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, Vanessa Oliveira. **Conhecimento, Escolarização, Currículo e a Vontade de "Endireitar" a Sociedade Através da Educação. Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 33, p.215-227, 2013. Trimestral. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/1596/1169>>. Acesso em: 30 maio 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira**. 1998. Disponível em: <<http://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-09-lingua-estrangeira.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2016.

CAMAS, Nuria Pons Vilardell (Comp.). **Portal do Professor: Novas Tecnologias na Escola**. 2014. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=3314>>. Acesso em: 26 out. 2017.

CRYSTAL, David. **English As A Global Language**. 2003. Page189. Disponível em: <http://culturaldiplomacy.org/academy/pdf/research/books/nation_branding/English_As_A_Global_Language_-_David_Crystal.pdf>. Acesso em: 26 out. 2017.

DUOLINGO (Estados Unidos da América). **Aplicativo**. Disponível em: <<https://www.duolingo.com/>>. Acesso em: 24 maio 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra Ltda, 2015. 143 p. 143 f.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira**. 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_lem.pdf>. Acesso em: 14 maio 2016.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants**: Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. MBC University Press, United Kingdom, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/bassoli/texto-1-nativosdigitaisimigrantesdigitais-1>>. Acesso em: 09 maio 2016.

PRENSKY, Marc. **Listen to the Natives: Learning in the Digital Age**. **ASCD**, New York, v. 63, n. 4, p.8-13, 18 dez. 2005. [Http://www.ascd.org/ASCD/pdf/journals/ed_lead/el200512_prensky.pdf](http://www.ascd.org/ASCD/pdf/journals/ed_lead/el200512_prensky.pdf). Acesso em: 14 maio 2016.